

# O Museu Dom Bosco como espaço educativo

## *The Dom Bosco Museum as educative place*

DÁUGIMA MARIA SANTOS QUEIROZ<sup>1</sup>

MARIA APARECIDA DE SOUZA PERRELLI<sup>2</sup>

NEWTON RAYMUNDO GOMES DE MIRANDA<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Mestrado em Educação – UCDB;  
Pesquisadora do Museu Dom Bosco

<sup>2</sup> Professora do Curso de Biologia da UCDB;  
Pesquisadora do Museu Dom Bosco

<sup>3</sup> Professor do Curso de Biologia da UCDB;  
Pesquisador do Museu Dom Bosco

## RESUMO

Estudos de percepção têm demonstrado que o grande público concebe os museus como locais de exposição de objetos antigos. Em Campo Grande-MS, isso não é diferente. O Museu Dom Bosco tem um grande potencial educativo que pode ser explorado. Cientes da importância dos museus como centros de conhecimento, discussão, informação e pesquisa, pesquisadores do Museu estão implementado um projeto de Extensão: "Museu Dom Bosco vai à comunidade". O objetivo principal desse projeto é o desenvolvimento de ações educativas, construindo pontes de cooperação entre escola e museu, no intuito de torná-lo um recurso pedagógico capaz de provocar mudanças no cotidiano dos cidadãos.

## PALAVRAS-CHAVE

Museu Dom Bosco  
Educação em museus  
Museologia

## ABSTRACT

*Perception studies have demonstrated that the great public conceives the museums as a place for the exhibition of old objects. In Campo Grande-MS, this perception is not different. The Dom Bosco Museum has a great educative potential that can be explored. The awareness of the importance of the museums as centers of knowledge, discussion, information and research has led researchers from the Dom Bosco Museum to implement the extension project: "Dom Bosco Museum goes to the community". The main objective of this project is the development of educative actions, building cooperation bridges between school and museum, with the intention to become a pedagogical resource capable of provoking changes in the citizens' daily life.*

## KEY WORDS

*Dom Bosco Museum  
Education in museums  
Museum studies*

Todos los museos tienen un sustento ideológico y lo expresan en su organización, en su estructura, en los servicios que ofrecen, en la selección de sus ediciones (Lumbreras, 1983, p. 20).

No século XIX, os museus começaram a ser, de fato, entendidos como “instituições educacionais”. Englobavam bibliotecas, jardins zoológicos e botânicos. Em meados desse século, eram vistos como formas recreativas de educação científica. Incluíam debates sobre valores nacionais, o futuro das nações industrializadas e da democracia e, até mesmo, programas de educação cívica, os quais envolviam normas de saúde e higiene. Educar era fundamentalmente formar e informar. O Museu possuía caráter filantrópico, atendendo até mesmo aos que não tinham podido beneficiar-se da educação escolar. Além disso, a Pedagogia e a Psicologia começaram a ser reconhecidas como disciplinas científicas e a refletirem sobre uma nova concepção da infância como estágio privilegiado da formação. Essa revelação levou os dirigentes de Museus a se conscientizarem da necessidade de desenvolverem ações pedagógicas, enquanto atividades dirigidas, por intermédio de profissionais de formação especializada em educação.

No século XX, o sentido educacional/filantrópico dos Museus entrou em declínio. A administração das coleções sobrepõe-se ao papel educativo, e a sua conservação torna-se fim em si mesma. Começa a haver uma diferenciação grande entre “conservador” e “educador”, e a supervalorização do científico causa o afastamento, cada vez maior, de qualquer relação com o público.

É na década de 1960 que os Museus começam a entender a “educação” como um “trabalho com as escolas”. Na Inglaterra, inicia-se o alargamento da escolaridade obrigatória e um novo sentido atribuídos aos Museus como participantes do sistema educativo. Florescem os “serviços educativos”, o empréstimo de coleções às escolas (*loan services*).

Na década de 1970, os Estados Unidos já têm os Museus itinerantes (*mobile museums*), especificamente para trabalharem em parceria com as escolas do interior e das periferias. Defendiam que este tipo

de serviço contribuía para “alargar o horizonte das crianças; relacionar o ensino com os indivíduos e com a experiência pessoal; compreender a educação como sendo ativa e não passiva...” (Harrison, 1970 *apud* Hooper-Greenhill, 1991, p. 52).

São, sobretudo, os museus de Ciência (física, química e ciências naturais) que põem maior ênfase no sentido educacional das suas propostas expositivas. O visitante é, para estes museus, uma preocupação concreta e prioritária.

Atualmente, pode-se afirmar que “de maneira geral, toda a organização interna destinada a interessar o público pelos museus, a ativar a sua curiosidade, a fornecer-lhe elementos de conhecimento ou estudo sobre as obras expostas, poderá ser englobada na denominação de ‘serviço educativo dos museus’” (Faria, 2000).

Estudos que visam conhecer como o público interpreta o patrimônio cultural exposto em museus têm crescido nas últimas décadas, sobretudo, nos Estados Unidos, México, Canadá, além de países da Europa ocidental. No Brasil, há poucas pesquisas acadêmicas de “estudo de visitantes”, a maioria tem como foco o mercado. Poucos são os trabalhos que visam investigar os pré-conceitos do público em relação aos museus. Menos ainda aqueles que analisam as transformações ocorridas nos visitantes após a sua experiência junto a um patrimônio cultural.

Sabe-se que o grande público ainda concebe os museus como locais estáticos, como instituições que expõem objetos antigos, onde o visitante é receptor passivo dos conteúdos ou mensagens ali expostas.

É certo que essa imagem tem origem na história documental dos acervos museológicos, um conceito tradicional de “museu” e de “patrimônio”, que prevaleceu até a década de 1970. Desde então, com a ampliação desses conceitos, o museu deixou o estigma de depositário de “coisas velhas”, para ser um espaço de discussão, informação, reflexão e pesquisa.

Entretanto, se esse conceito já permeia o meio acadêmico, o mesmo parece ainda não acontecer com o grande público. Em uma pesquisa realizada em Campo Grande-MS<sup>1</sup> verificou-se que as pessoas

ainda percebem/interpretam os museus como “depósito de objetos antigos”.

Essa imagem vem dificultando a aproximação do grande público dos museus, limitando a oportunidade de ampliação do universo cultural da população. No caso específico do Museu Dom Bosco, a riqueza do seu acervo - cerca de 40.000 peças, distribuídas entre coleções zoológica, paleontológica, etnográfica, mineralógica e arqueológica - se configura num grande potencial educativo<sup>2</sup>.

Importa, então, mudar essa imagem junto ao grande público e, sobretudo, tornar o museu um recurso pedagógico próximo da comunidade estudantil.

Nessa compreensão, iniciou-se estudos com objetivo de desenvolver ações que construam novos laços entre o Museu Dom Bosco e a comunidade. Nesse sentido, passou-se a trabalhar com a idéia de um museu que não só ensina, forma, informa, protege o patrimônio e o divulga, mas, fundamentalmente, que faça a diferença, no visitante, entre o antes e o depois da visita, um museu capaz de provocar mudanças no cotidiano do cidadão.

Tem-se repensado o Museu Dom Bosco, desde os seus aspectos arquitetônicos, até o seu papel social e cultural, investindo, sobretudo, nas mudanças de concepção de museu junto à comunidade escolar. Busca-se concebê-lo como instância geradora de reflexão, de apropriação por parte dos sujeitos, um espaço de experimentação, de criação de novos sentidos sociais, com base no respeito à diversidade biológica e cultural. Acredita-se que “uma boa exposição nunca é substituível por um livro, um filme, ou uma conferência... uma boa exposição dá sede, sede de livros, filmes, conferências... Uma boa exposição muda o visitante...” (Wagensberg, 2001, p. 23, tradução nossa).

Isso só será possível se o Museu for entendido em uma perspectiva de interatividade, isto é, um museu que “conversa”... Uma conversação com a natureza, porque experimenta; uma conversação consigo mesmo, porque reflete; uma conversação com o outro, porque amplia as condições de diálogo com o mundo.

Buscando alcançar essa nova dimensão para o Museu Dom Bosco, elaborou-se o Projeto “Museu Dom Bosco Vai à Comunidade”, partindo dos seguintes questionamentos:

- Que interesses devem ou podem ser contemplados?
- Que aspectos educacionais devem ser privilegiados?
- Quais as expectativas da comunidade em relação ao Museu?

A partir dessa reflexão, optou-se por um projeto que contemple uma ação educativa envolvendo:

- Formação continuada de professores de diferentes áreas e diferentes níveis de ensino, por meio de palestras, oficinas, cursos, entre outros.
- Desenvolvimento de atividades culturais para educadores e estudantes, envolvendo todas as áreas temáticas do Museu, em uma abordagem lúdica, considerando o cotidiano.
- Estímulo à pesquisa científica, tanto de professores quanto de alunos.
- Assessoria e atendimento individualizado ao professor.
- Produção de kits de réplicas para as escolas.
- Produção de materiais didáticos e paradidáticos relativos ao acervo do Museu.
- Atendimento à educação formal e não formal.
- Adequação de uma unidade móvel para atender ao público de Campo Grande e cidades do interior.
- Estudos sistemáticos visando interferir nos currículos das licenciaturas, promovendo a formação do professor qualificado para usar o museu como espaço educativo.
- Divulgação dos trabalhos desenvolvidos no Museu em eventos científicos.
- Colaboração com os projetos desenvolvidos nas escolas, usando o museu para o desenvolvimento de atividades programadas e também como espaço de divulgação dos trabalhos.
- Busca de parcerias no sentido de viabilizar recursos para as mudanças projetadas.

Enfim, um espaço que pensa, elabora, analisa, problematiza e produz conhecimentos.

O Projeto “Museu Dom Bosco vai à comunidade” já está se tornando realidade a partir da parceria entre a Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Museu Dom Bosco e o Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq. O projeto conta com recursos humanos do quadro de funcionários da UCDB, além de acadêmicos de diversas áreas. É uma atividade de Extensão que tem possibilitado aos acadêmicos vivenciar o trabalho interdisciplinar, potencializando suas habilidades por meio do exercício da criatividade, da articulação entre os conhecimentos de diferentes disciplinas e com a realidade social, comprometidos com os princípios filosóficos de Dom Bosco.

Entre os objetivos do projeto, prioriza-se as ações educativas junto ao público escolar. Por que considerar que a maior potencialidade dos museus é, justamente, a sua ação educativa? Por que privilegiar a comunidade escolar?

Porque a ação museológica é capaz de criar situações inéditas, que levam ao desenvolvimento e à reflexão, contribuindo para uma educação dialógica, libertadora e transformadora da realidade humana, que faz o visitante compreender que o acervo não fala por si, mas o faz ouvir as vozes daqueles que o construíram.

Quer seja o museu, quer seja a escola, ambos são, hoje, desafiados a encontrar formas de interagir com seu público, buscando uma melhor divulgação da informação e do conhecimento.

Um dos meios de a escola e o museu não perderem o seu lugar de preeminência na orientação dos alunos é a construção de formas de cooperação entre Escola e Museu, ajudando-se mutuamente a sair do seu próprio isolamento.

A escola necessita abrir-se para o exterior, alargar-se socialmente, atingir grupos não frequentadores do sistema escolar, ser instrumento de cidadania e inclusão social. O museu, por seu lado, deverá deixar o tradicional atendimento apenas ao “visitante” curioso que o procura nas horas de lazer ou de passagens turísticas, e abrir-se com eficiência à população local, especialmente à faixa que se encontra no período formal de educação, exercendo uma importante função social.

Para Hudson (1999, p. 63):

o termo educação é ele próprio impreciso: as crianças não adquirem necessariamente uma educação, na escola, e o mesmo acontece, infelizmente a um considerável número de estudante da universidade. O que é, então, a educação senão um desenvolvimento gradual e afetivo, uma curiosidade de espírito e uma tolerância, cada vez maior, um desejo insaciável de enriquecer os seus conhecimentos? Ou o Museu é todo inteiro educativo ou não é... Por consequência, se um museu se descarta da sua missão educativa, num 'serviço educativo', está renunciando à sua principal vocação que é a de utilizar as suas coleções e as suas exposições para mudar o comportamento de ser humano, aumentar a sua sensibilidade afinar a sua visão.

Portanto, é de suma importância elaborar e executar projetos potencialmente criativos, capazes de aliar estas duas forças museu/escola, no desenvolvimento de uma sociedade.

Mas há que "antes de mais, preocupar-se em ser inovador, em procurar novas oportunidades e ensino, e em ver o que faltou a cada uma destas instituições no acompanhamento de complexidade da vida que diariamente se desenrola fora dos seus edifícios" (Faria, 2000).

Assim, entendemos que a educação é uma das funções do museu. Diferentemente da escola, porém, o museu não aprova ou reprova o aluno. O museu deve promover uma educação autônoma, que tem como objeto de trabalho o bem cultural. A educação que se desenvolve no museu é "um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural 'tangível ou intangível' como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo" (Aidar, 1999, p. 6).

A educação em museus deverá, portanto, operar promovendo atividades baseadas em metodologias próprias que permitam a formação de um sujeito histórico-social que analisa criticamente, recria e constrói, que interpreta e reinterpreta identidades sociais e culturais.

Embora haja diferenças, a educação em museus e em escolas deve ter o mesmo compromisso: o ser humano e a sociedade da qual faz parte. Tanto escolas e museus podem e devem ser um espaço de encontro e de debate, em que as coisas sejam construídas e não apenas o já produzido ser comunicado.



## NOTAS:

<sup>1</sup> Trata-se de um estudo-piloto, desenvolvido por professores-pesquisadores do Museu Dom Bosco, visando conhecer como a população de Campo Grande - MS percebe/interpreta um “museu”, incluindo o Museu Dom Bosco.

<sup>2</sup> Informações sobre o Museu Dom Bosco podem ser obtidas em [www.museu.ucdb.br](http://www.museu.ucdb.br).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AIDAR, Gabriela. *Educação museológica, arquitetura e recursos comunicacionais: os museus voltados para a inclusão social*. 2002. Comunicação oral apresentada nos Encontros Museológicos – arquitetura, expografia, comunicação visual e cenografia: limites e reciprocidades, USP, São Paulo, mar. 2002.

CABRAL, Magaly. Educação em museus como produto: quem está comprando? *Boletim CECA-Brasil*, n. 1, 2002. Disponível em: <[www.icom.org.br/CECA/bc021b3.htm](http://www.icom.org.br/CECA/bc021b3.htm)>. Acesso em: 20 out. 2002.

FARIA, Margarida Lima. *Projecto: Museus e Educação*. Instituto de Inovação Educacional, jul. 2000. Disponível em: <[www.iie.min-edu.pt/proj/arte/museus/museus-educacao.pdf](http://www.iie.min-edu.pt/proj/arte/museus/museus-educacao.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2003.

HOOPER-GREENHILL. *Museum and Gallery Education*. Leicester: Leicester Museum Studies, 1991.

HUDSON, Kenneth. Forum La creation de services éducatifs dans les musées est elle une erreur? *Museum Internacional*, UNESCO, 62, n. 201, jun. 1999.

LUMBRERAS, Luis. Introdução. In: *Guia para museos de arqueologia peruana*. Lima: Milla Batres, 1983. p. 20.

WAGENSBERG, Jorge. Principios fundamentales de la museologia científica moderna. *B. M. M.*, n. 55, p. 22-4, abr./jun. 2001.